

TRIBUNA LIVRE

A' margem dos livros... e da vida

Miserias da nossa terra

E' sempre com tristeza que percorro alguns dos bairros citadinos onde vegetam os humildes trabalhadores, e me demoro na contemplação das pocilgas a que o povo irreflexivamente chama casas, prédios de habitação.

Digo com tristeza, porque doí-me e não posso conceber como um nosso semelhante viva em tais antros, deste modo, quando é certo que alguns animais vivem em estabulos mais arejados e limpos, e sei de alguns cães que dormem em camas mais fofas e quentes, quando não usam dos sofás e poltronas para o seu descanso.

Este coração que deveria ser mais duro que um seixo, sensibiliza-se — pobre de mim! — com a frivolidade humana que não repara na miséria em que se debate um nosso igual, ora entangido pelo frio que trespassa das telhas, ora desesperado do nenhum conforto a que teria já, e deixa que as lágrimas me embaiem o olhar, raivoso de nada possuir para que pudesse a todos valer e revoltado pela distinção que acaso existe entre os filhos duma mesma Patria.

Realmente, o que se presencía por essas terras além, e muito especialmente o que se verifica neste centro industrial e comercial de Guimarães, leva-nos a crer que a renovação social tarda ainda, apesar de o povo ter proclamado um sistema político que reside na sua soberania, e que a tese do seu problemático viver não teve a sua demonstração ou conseguiu achar a solução que através dos seculos tem vindo a pedir.

Parece que tem de render-se á evidencia dos factos e constatar que a persistencia na reclamação dos seus direitos é uma alucinação que perturba não só o pensamento mas também o sentido da vista.

Uiva dentro de si o desespero, insurge-se contra a propria existencia e rompe quaisquer preconceitos, sentindo o turbilhão que lhe põe a cabeça atolada, como se uma tempestade se desencadeasse rija e devastadora, quebrando a serenidade luminosa deste nosso céu azul, agitado, enristecido e violentado em suas paixões.

Na verdade, este crescendo de revolta tem a sua justificação e a sua origem.

A indiferença daqueles que o aproveitam para escravo, evolvendo-se como poeira, mas que se deposita por toda a parte, descobre este ódio que tem sua preparação e que não mancha, antes vai subindo em graduação, a ponto de se tornar extremamente difícil de fazer desaparecer.

E no entanto, bairros ha por aí que poderiam ser substituídos por outros de casas consideradas confortáveis e higienicas, prédios que em nada se parecessem com chiqueiros e nos quais se evitasse um aglomerado de cento e tal pessoas, como no casarão da rua Elias Garcia; se não consentisse fossos de latrina junto do colchão onde descansa um ser humilde, como se poderá apreciar na rua de D. João I; ou ainda se limpasse por uma vez aquele bairrosito da antiga rua de França Borges, tão imundo, tão terreo e tão mal cheiroso — a suprema das nossas miserias!

L. CORLHO

Um esclarecimento

No nosso prezadissimo colega local *A Velha Guarda* colabora um republicano que assina os seus artigos com as iniciais «A. F.». Respondendo a perguntas que nos têm sido feitas, informamos que não se trata da mesma pessoa que nas colunas do nosso jornal tem assinado com as referidas iniciais os artigos referentes á *Vida Local*. Um e outro no mesmo campo e com as mesmas aspirações, mas pessoas diferentes.

MAQUINAS DE ESEREVER

As mais perfeitas, as mais modernas, as mais resistentes e as mais economicas, vende a Casa High-Life

De Léon Duguit (Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Bordeus — *Transformações gerais do Direito*):

«A propriedade é uma instituição jurídica que se formou em correspondencia a uma necessidade economica, como todas as outras instituições jurídicas, e que evolui consoante as mesmas necessidades economicas. Nas sociedades modernas, a necessidade economica, á qual corresponde a propriedade como instituição jurídica, transforma-se profundamente: por isso a propriedade como instituição jurídica deve transformar-se. A evolução faz-se num sentido socialista. E' ainda determinada pela inter-dependencia, cada vez mais estreita, dos diferentes elementos sociais. Se me posso assim exprimir, a propriedade socialisa-se. O que não significa que se torne colectivista, no sentido das doutrinas colectivistas; mas significa duas coisas: primeira, que a propriedade individual deixou de ser um direito do individuo para se tornar uma função social; segunda, que a colectivização da riqueza, que deve ser juridicamente protegida, se torna cada vez mais forte.

Nas sociedades modernas, em que a consciencia nitida e profunda da inter-dependencia social é dominante, do mesmo modo que a liberdade é o dever para o individuo de empregar a sua actividade fisica, intelectual e moral no desenvolvimento dessa inter-dependencia, assim também a propriedade é para o usufrutuário de uma riqueza «pour tout détenteur d'une richesse» o dever, a obrigação de ordem objectiva, de empregar a riqueza que usufrue em manter e desenvolver a inter-dependencia social.

A propriedade já não é o direito subjectivo do proprietário; é a função social do usufruto da riqueza».

«Pois quem o duvida? Unidos todos como um só homem. Todos comungados, sem necessidade da voz de «marche», na invencível defeza, palmo a palmo, da terra sagrada de Portugal. Todos nós, povo, desde o levante de S. Mamede ao degladio de Aljubarrota; todos nós, povo, que não vendemos a consciencia a troco de pingues acomodados nos momentos angustiosos em que, ao sol nascente da estranha usurpação, se deixaram alquilar tantos magnates das ordens consagradas. Todos nós, povo, que sofremos as maiores privações nos esquecidos anos da guerra da independencia, e fizemos baquear em tragedia a flamancia altiva das hostes napoleonicas; nós todos, povo, que bem sabemos o que é «dar carne para o canhão», como suportamos resignados a hora da adversidade, a adversidade nossa velha amiga que já nos esmola o agasalho; todos nós, povo, que ensinamos a nossos filhos, traidores pela mentira da vida, como primeira oração, o amor á terra!

«Pois quem o duvida senão, de entre nós, aqueles de nós mesmos que precisam de esmolar emprestada a fé sagrada, que lhes falta; pois quem o duvida se nós seremos, todos nós, povo, o soldado que se bate até o derradeiro alento? A que vem, então, essa alucinante, desviada insinuação, tão fora de proposito?

Todos nós, povo, sabemos o que é o puro amor á terra, á terra que, tantas vezes, nos nega o pão, mas que nós beijamos, religiosamente, ao nascer, e na hora da morte.

Eram do povo os musculos, os nervos, a vibração das lanças dos guerreiros antigos; musculos do povo eram as cordas das caravelas, e seu peito arfava nas asas, que descobriram novos mundos, do povo que só a si se não descobriu ainda.

— Meu senhor, dizia o velho com grossas bagadas de lágrimas escorrendo, zombaram das minhas

barbas brancas, escarneceram minha palavra honrada, e bateram-me, quando manso e queto. «E' crime, meu senhor, já é crime um homem dizer que precisa de poder trabalhar o pão, que lhe há-de matar a fome, e, bem suado com o suor do rosto, ter de o levar ao celeiro do senhorio? Já é crime quem quere, e tanto precisa de trabalhar, pedir que o deixem trabalhar? Fazer sentir que não mais pode suportar a miséria a que, cegamente, o lançaram, e não pode mesmo, esgotado, arruinado, servir-se dos seus braços? Faz mal não ter odio, mas apenas submisso respeito; falar medroso e tímido; ser leal ao senhorio, que não vê, ou finge não ver, os perigos imensos que o espreitam, e tantos há que não querem saber de desgraças, ser leal aos companheiros, muitos perdidos na miséria mais negra; ser humilde, mas ser bom? Pois é crime, meu senhor, ser humilde e ser bom? Ter amor á companheira, aquela que trouxemos á nossa cabana para sofrer toda a dureza bruta do afan insano; ter amor aos filhos, a quem, mal desponta a idade, logo deitamos as algemas do cativo na labuta, a guardar o gado, a levar o cantar á fonte, a cegar a erva... Ter amor, o amor que só nós temos, á terra, á terra que não é nossa, mas que seria, sem nós, calcinado deserto, inculto e inimigo?

E chorava, o velho.

Chorava, e com ele se comoveu nosso coração ante o espectáculo formidável, cuja memoria não mais se varrerá, estranha, surpresa, delirante. Mas não foi só o coração, sobretudo sentimentos profundamente magoados do espirito. Porque afoitamente assentamos em que é rematada falsidade, vilipendiosa, querer atribuir-se ao lavrador qualquer intuito, ou conluio de revolta — a ele, o unico português pacífico a ele, o escravo secular que fala de chapéu na mão e trata os da cidade por fidalgos, com direito a senhoria! a ele, que tudo suporta e a tudo resignadamente se sujeita a ele, a quem, assim, num assomo inexplicável, se pretendeu rebaixar a animal de carga, com afronta gravissima da dignidade de todos nós, reles egoistas que todos nós somos.

Afrontado não foi, porém, ele só, mas o senhorio, por cuja causa, afinal se debate, o que, por desgraça nossa, e nossa ruindade comodista, não queremos, ou não sabemos compreender.

Politica? Peta. Manejo revoltoso? Ora adeus. Calunia refalsada e vergonhosa. A politica de quem tem fome — e quere trabalhar, a politica de quem pretende apenas salvar, cultivar, laborar e amansar a terra — que lhe não pertence e o mata á fome.

Afirmamos aos lavradores, aqui e desassombadamente, o nosso fervoroso carinho e a mais estreita, leal e desinteressada solidariedade. Somos do povo, estamos com o povo.

De Dante:

A vida é como um navio sem velas e sem governo, batido pela tempestade, de porto em porto, de praia em praia, de desilusão em desilusão.

Scenas indecorosas

Chamam a nossa atenção para as scenas indecorosas que são representadas, ao fundo do Jardim Publico, ali ao largo do Prior do Crato, mesmo ao descer a rua de S. Francisco.

Um mictorio serve de cenário aos atentados á moral publica, pelo que nós dirigimos a quem de direito para que ponha cobro a tais scenas, punindo severamente os que pretendem fazer da cidade um alcouce.

Na CASA HIGH-LIFE e sua sede encontra-se sempre sortido variado de artigos de novidade a preços muito reduzidos.

Ainda o «Iberismo»,

Os jornais monarchicos — incluídos nesta designação os que, dizendo-se embora republicanos, outra coisa não são — continuam *patrioticamente* a bater na tecla da federação ibérica, como ideia que, segundo eles, germina no cerebro dos actuais governantes de Espanha.

Os desmentidos têm sido terminantes. Mas eles, os *patriotas*, não desistem. Em artigo, que por falta de espaço não podemos transcrever, dizia, ha dias, muito sensatamente, *O Povo de Aveiro*, referindo-se á miseravel especulação:

A que vem então, torno a perguntar, tantos protestos contra a *União Iberica*, como se os hespanhois arreganhassem para nós a dentença, em ar de nos engullir? Só se pode explicar ou por um medo infantil, atentatorio da nossa dignidade e dos nossos direitos do povo livre, ou por uma especulação infame.

Inclino-me para esta hipótese, desde que vejo que são os reaccionarios quem mais grita. Aqueles farçantes, autores da frase *Antes Afonso XIII do que Afonso Costa*, que eles, sem pejo, soltavam pela boca fora pouco depois de ser proclamada a republica portuguesa. Aqueles farçantes, discípulos do mestre Sardinha, o mestre querido, que exclamava:

«A nossa derrota será, latinos, a nossa salvação!... Francophilo que me mostrei já em publico, eu desejo agora vehementemente a victoria da Alemanha. Só pela victoria dos imperios contraes nós teremos, com a derrota da Maçonaria, o restabelecimento da ordem legitima que permitirá á França ressarcir-se a nós outros — curar-nos. Carthago começa então a afundar-se no seu rochedo do Mar da Mancha.»

E a falarem em patriotismo, estes traidores!

Portugal perdia as suas colonias, Portugal, sem colonias, perderia a sua independencia, que era a recompensa dada pelo Kaiser á Hespanha germanophila. Que importava, derrotando-se a Maçonaria? Actima de tudo a derrota da Maçonaria!

Assim agora o que lhes importa não é Portugal, a esses hypocritas. A independencia de Portugal é uma trela, para os que clamavam: *Antes Afonso XIII do que Afonso Costa*. O que lhes importa é o triunfo da democracia, é a victoria da republica. O que os faz falar é isso, tão somente.

Ninguém ignora que Afonso XIII, quando se proclamou a republica, quiz invadir o territorio português. Ninguém o ignora em Hespanha. Citam-se pormenores. Diz-se que eram três divisões, comandadas pelo marquês de Polavieja. Essas particularidades não as garantem. Mas que Afonso XIII quiz invadir Portugal, foi certissimo. Não o fez porque encontrou a mais decidida opposição nos chefes dos partidos.

Porque não vociferou então o Fernando de Souza nas gazetas, mais toda a matula integralista?*

Escola com Deus

Milagres aos cestos, milagres aos cardumes, sem contar com os de Fátima e os do Sameiro, as empresas mais acreditadas neste genero de produções.

Tomou-lhe o gosto, a nossa gente — a nossa, virgula — e com tanto entusiasmo que não respeita o *exclusive*, nem a «marca registada». Desde o famoso Marquês de S. Agres, marquês por graça do Papa, que milagrosamente se escapulin á acção da justiça, até áquele outro que, com capela em casa, fez o milagre de se safar para o estrangeiro com uns milhares de contos surripiados ao proximo que o seu Deus lhe manda amar, tem sido um desfiar de *maravilhas* de deixar a gente de boca aberta e a Senhora de Lourdes abanada. Ainda não ha muito saiu-nos a cultivar este genero de desporto um touzrado, um padre, que, decerto, nada tendo a esperar dos santos de que era serventuario, se lançou na burla, como qualquer vigarista da escola.

Santa gente. A culpa não é deles, é da «escola sem Deus». Bem o prega S. Tomás!

Nos nossos colaboradores

A exiguidade do espaço continua a forçar-nos a não publicar parte do original em nosso poder. No-nosso numero anterior fomos remedando o caso acrescentando duas ás paginas habituais. Não pudemos fazer o mesmo neste. Com as desculpas aos nossos estimados colaboradores, os nossos agradecimentos pela maneira como têm accedido ao apelo que lhes dirigimos.

Pela Republica espanhola

Foi implantada em Espanha a sua segunda Republica.

O dia 14 de Abril de 1931, fica sendo, para o cavalheiresco povo espanhol, uma data memoravel, e, para o mundo inteiro, uma lição de acendrado civismo, tão grande e tão belo, quanto em si coube a forma de o realizar! A sua primeira Republica foi proclamada em 11 de Fevereiro de 1873, com a abdicación de Amadeu de Saboia. Mas, não se tendo feito ali o Estado Republicano, *ela foi efemera*, pois a traição de Segunto, levada a efeito pelo general Priu, que invadiu o parlamento espanhol, expulsando, *manu militare*, os seus deputados, restituiu, novamente, a Espanha ao regime monarchico! Foram seus presidentes, Castelar, Py e Margal e Nicolau Salmeron, este ultimo tão nosso conhecido.

Foram 58 anos de opressão para os republicanos e liberais espanhóis, que, novamente, vêm realizados os seus sonhos, implantando a sua segunda Republica. De ha muitos anos que a Espanha livre tem querido sacudir o jugo monarchico e ultramontano, mas a reacção, com os seus trabalhos de sapa, tem, quasi sempre, *abafado em sangue* esses gritos de revolta. Ha dias passou o 85.º aniversario da revolução de Carral — o primeiro grito da independencia da Galiza, tristemente celebrado pelo fusilamento de doze revoltosos, na jornada sangrenta de 26 de Abril de 1846. Esse grito repercutiu-se em Portugal, dias depois, com a revolta da «Maria da Fonte» em 11 de Maio de 1846, sendo o país invadido pelas tropas do general Concha, que, operando e dominando a Galiza, vieram operar e dominar o nosso Minho! A intervenção estrangeira, obra da nossa Maria II. Mas ha mais sangue derramado pela Liberdade, na Espanha!

Nas torturas e fusilamentos de Alcalá e Montjuich, onde Ferrer, pagou, com a vida, o seu amor á causa sacrosanta da Liberdade, e, ainda, recentemente, nos fusilamentos de Jaca, dos dois heroicos capitães Galan e Hernandez.

E o que foi ali a guerra Carlista? Foram os *curas* das provincias das Vascongadas e de Navarra, com parte das de Aragão e Catalunha, que fizeram pegar em armas a todos os habitantes, assegurando-lhes que a causa de Carlos VII, era a *causa de Deus* e que *iriam para o céu* os que por ele combatessem. E assim durou três anos essa guerra fratricida.

Por isso, a Espanha tem sido sacudida por convulsões violentas, isto é, pela reacção.

Portanto, cumpre aos homens livres da Espanha, que agora a dirigem, intensificar a propaganda, fazer o Estado Republicano e velar pelos seus destinos, não vá a reacção fazer-lhe nova traição. A ditadura deu a Republica.

Nós a saudamos vivamente.

A. B.

Politica Agraria

(Continuação da 1.ª pagina)

como estatutariamente lhe cumpre, por mal de nossos pecados.

A duas más anezas não resiste, sem se empenhar gravemente, a grande maioria do nosso pequeno proprietario, apertando aos mais extremos limites a sua escassa e pantada sobriedade. Teve de apertar, diga-se que para muitos não era preciso, por ganancia ou brutidade, mas com o nome outro que bem quizerem, com o caseiro para lhe pagar para ali a renda toda, de modo que, se o pobre pagou, porque é ainda dos que pagam e não bufam, ao começo da primavera, tão linda, meus senhores e nestas gorgeadas manhãs de Abril, é que já não tinha um grão para comer. Boa literatirce, não ha duvida, essa que ainda ha dias vimos espapaçada em lóas á saudavel alegria do Minho! Está em festa o Minho! Está — que não é pequena festa a de se não poder chorar sequer a propria desgraça.

Visado pela Comissão de Censura

A Casa dos Republicanos

Generalizou-se por todo o país a ideia da criação da Casa dos Republicanos; magnífica ideia essa, sem duvida.

Ela não teve, porém, da parte de muitos *indefectíveis* republicanos, o acolhimento e entusiasmo a que tem jus.

Razões?

Ha varias, prevalecendo, infelizmente, acima de todas as outras, o espirito de facção, esse mesquinho espirito que tanto mal tem causado á Republica. E' que ainda ha muitos, multissimos republicanos que preferem isolar-se, com os seus amigos, em tórres de marfim, collocando os partidos em que militam acima da Republica! Para esses, a união dos republicanos está feita; e porque o está, não compreendem ou não querem compreender as vantagens da criação da Casa dos Republicanos, que não implica de maneira nenhuma a extinção dos partidos da Republica.

Não!
O que implica, o que tem em vista, é cessar de vez com questiunculadas e malquerenças pessoais que nada, absolutamente nada, interessam á Republica.

Todos os verdadeiros republicanos têm o dever de dar a sua entusiastica adesão a essa iniciativa.

A' Casa dos Republicanos, desde que lhe seja dado o auxilio indispensavel, está reservado um magnifico triunfo. Para ella só entrarão, só devem entrar, os republicanos sinceros, aqueles que por todos os meios têm trabalhado pela Republica.

E já não pode haver hesitações; já se conhecem de sobejo. Assim se resolverá a tão debatida Seleção dos Republicanos.

Para a Casa dos Republicanos, os sinceros, os verdadeiros republicanos... os outros, porque não são republicanos, mas uns autenticos camaleões, para a rua; não os queremos por mais tempo ao pé de nós porque são nocivos á nossa Causa.

Depois, á Casa dos Republicanos não está somente reservado um magnifico triunfo no campo politico. Ella pode tambem realizar uma excelente obra de assistencia aos republicanos necessitados.

Pode ainda, e isso é importante, criar uma Escola onde os republicanos possam mandar os seus filhos, com a certeza de que os ensinam a ler... e não a rezar.

Por todos os motivos a criação da Casa dos Republicanos impõe-se. Aos republicanos compete trabalhar para que essa ideia se transforme numa autentica realidade.

Aqui, no Porto, a iniciativa deve-se ao brilhante baluarte do Livre-Pensamento a «Humanidade».

Para todos quantos lá trabalham, as nossas mais efusivas saudações por mais este grande serviço que prestam á Republica.

ALEXANDRE JORGE GONCALVES.

Cuidado...

Assodados, ansiosos por não demorarem muito a sua adesão, quasi todos os antigos servidores da monarchia espanhola têm declarado, alguns calorosamente, a sua adesão á Republica.

Muito bem está, se porventura eles forem sinceros e leais. Mas, como entre nós aconteceu, a maior parte deles outra cousa não há-de querer se não continuar usufruindo lugares e prebendas illegitimamente concedidas.

Nunca fiar de tão entusiasticas transformações. Os republicanos portugueses conhecem, neste particular, exemplos bem flagrantés. O nosso pior mal, o defeito maior da Republica Portuguesa, foi, e tem sido, contar demasiado em individuos cuja duplicidade de caracter os faz tender sempre para a traição.

Só pode servir lealmente um regime quem nele esteja verdadeiramente integrado. Se por esta verdade se tivessem norteado os chefes politicos, Portugal não teria atravessado, depois de 1910, algumas das suas mais graves crises.

Com os meus botões...

Afinal, afinal..., não oiço nada. Ou, melhor, oiço pouco, muito pouco. O vento, — esse maldito, esse insolente assobiador, ensurdeceu meus ouvidos...

(E chamo-lhe maldito, e chamo-lhe insolente, — porque foi gaiato. De uma galaticidade sem nome. Mais: foi até o que, conservadoramente falando, se chama — indesejável.)

Mas..., que digo eu?! O vento não é maldito, não é insolente, não é indesejável. O vento é... o vento. O vento é Rebeldia. E a Rebeldia é eterna «Marselhesa». E a Rebeldia é Cristo e Tolstoi, Kropotkine e Gorki, Vitor Hugo e Zola!...

Primeiro de Maio!
Na história cronológica do Tempo — mais um dia, um dia mais, apenas...

Na história martiriológica da Humanidade — mais uma página proletarianna, uma rubra página desse interminável livro — cujas folhas são farrapos de carne mártir e onde os caracteres são e-critos a fogo...

...Há 44 anos, em Chicago, na *lure* América, oito libertários foram fuzilados!

Flores...
Eu amo as flores, todas as flores, — brancas ou vermelhas, azuis, ró-xas ou amarelas.

Eu amo as flores, todas as flores — dobradas ou singelas...

Amo todas as flores... Mas, são mais do meu affecto, do meu duplo affecto, as flores vermelhas, as flores singelas... São mais do meu affecto, do meu duplo affecto, as pequeninas flores montezinas, as rosas plebeias dos valados — a que desdenhosamente chamam «bravas» — e que, por todo o ano, e sempre, engrinaldam os caminhos, sorrindo, sorrindo em graça a toda a gente!...

ALBERTO DE MACEDO.

CONTO DA SEMANA

A CASTELÃ

DE RICARDO DE SOUSA

Ha muito que tinha descido a noite, e, de vez em quando, ouvia-se o alerta das sentinelas que vigiavam o castelo, e que, repercurtido de rocha em rocha, ia perdendo-se ao longe, na solidão dos vales.

A bela castelã, dormitando no seu leito de carvalho, escutava a leitura dum livro fantastico, que um pagem na força da vida e de olhar petulante, lhe fazia, sentado á cabeceira.

A luz tenue da lampada que estava sobre a meza, bruxuleava constantemente, em consequencia do vento que entrava ás vagadas por um vidro quebrado, das janelas do quarto.

Na ocasião porém em que a leitura se tornava mais atraente, começou a chuva a bater de encontro aos vidros fazendo um rumor tal, que a castelã olhou em volta de si surpreendida.

— Que noite, disse o pagem levantando-se, e aproximando-se das janelas para consultar o céu. Parece-me que vamos ter uma noite medonha, de trovoadas.

— Oh! Não digais isso, por Deus! tornou a castelã tremendo de susto. — Nada temeis, senhora. Estou eu aqui para vos defender, se fór preciso, retorquiu elle tornando a sentar-se junto do leito e recomendo a leitura interrompida.

Neste momento, um relampago enorme alumiou o quarto e um trovão retumbou no espaço, fazendo abalar o castelo até aos alicerces.

A castelã não pôde reprimir um grito de terror e tapando o rosto com as pequeninas mãos, debruçou-se depois para o pagem afim de que este a protegesse.

— Não me abandonéis, não me abandonéis, peço-vos!... Tenho tanto medo de trovões... Ficaí velando af junto do meu leito, sim?... Implorou com a voz tremula de emoção.

— Far-vos-hei tudo que me ordenardes, senhora. A minha vida pertence-vos.

Segundo trovão se ouviu, mais

terrivel ainda que o primeiro, e o vento, entrando com impeto no quarto, apagou a luz que a custo iluminava esta scena.

A castelã puchou então para junto de si o belo pagem e os cabelos anelados das duas formosas cabeças, confundiram-se na escuridão da noite.

Quando de manhã, entrou pelas fiskas das janelas, foi acordar o belo pagem que, fazendo um pequeno esforço para se levantar, despertou tambem a castelã.

— Ainda tendes medo de trovões, senhora? segredou-lhe elle ao ouvido.

— Não, tornou-lhe ella sorrindo languidamente.

E lançando-lhe os niveos braços em volta do pescoço, depôs-lhe na bôca um demorado beijo...

Tribuna do professorado

Pequenas notas

Nós somos daqueles que muito pugnam pela expansão da imprensa pedagogica e dos que á chamada «Imprensa Grande» — os «Grandes Diarios» dirigiram já ha muito o seu apelo no sentido não só de reservarem um pouco de espaço para assuntos de instrução e educação do nosso bom povo, como de lhes dar o merecido relevo.

Entusiasmou-nos, pois, o aparecimento de algumas «Paginas Escolares», «Paginas de Cultura», «Secções Pedagogicas», «Secções Instrutivas» em varios jornais de Lisboa e Porto, e até de modestos hebdomadarios provincianos, que supunhamos empenhados todos em focar desapaixonadamente, com isenção, com sinceridade, com lealdade e correção sobretudo, o instante problema do analfabetismo, a questão educativa segundo as necessidades da vida economica, civica e social que é apanagio de povos de senso e espirito equilibrados e de caracter bem formados.

Como succede em tudo numa sociedade que não possui verdadeiramente uma *élite* orientadora, homogenea e forte, ao segundo dia da sua existencia, ressaltadas pouquissimas, mesmo rarissimas, excepções, metamorfosearam-se em arremetidas de odios refreados, em agravos, declinados, intolerancia, insulto e rebaixando-se ao ataque pessoal.

Agravaram-se conflitos quasi sanados, e exacerbam-se as canetas ao ponto de mais parecerem esfadulhos.

E' mais uma desillusão a juntar a tantas outras.

O que mais nos magoa é a colaboração de professores nesta furia de molestar, de ferir mesmo moralmente colegas que não comunguem consigo, á mesa que escolheu.

Nós não alimentamos a ridicula pretensão de armar em pregador de virtude; não escondemos que em alguns momentos nos tenhamos deixado empolgar pela violencia do termo; mas quando o fizemos ainda ninguem, até hoje, não demonstrou que factos não haviamos a profligar e que esses factos se não incarnavam no seu proprio agente.

A intelligencia, o senso critico do nosso antagonista está sempre ao nosso alcance; o seu caracter, a sua dignidade pessoal foram-nos sempre estranhas.

Oxalá não venha longe a era em que todos os escritores pedagogicos, didacticos, e polemistas em materia de instrução e educação, e muito principalmente os elementos do professorado, se não desviem da serena linha do dever, respeitando crencas religiosas, sistemas politicos ou filosoficos dos seus camaradas; cooperando todos no ideal bemdito: iluminar e moralizar o povo português.

Guimarães, Abril de 1931.

PROF. JERONIMO FERREIRA BOTELHO

Festa artistica

Realiza-a no proximo dia 3 a orquestra do «Gil Vicente» com um programa, que nos foi enviado e é de veras tentador. Atendendo ás sympathias de que gozam os seus componentes, de esperar é que vejam, como desejamos, a casa cheia.

EDITAL

José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, administrador do concelho de Guimarães.

Faz publico que para os devidos efeitos, e para cumprimento do artigo 8.º do Decreto n.º 8364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Camara baixou o edital da Circunscrição Industrial que é de teor seguinte:

EDITAL

Manuel Jacinto Eloi Moniz Junior, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que: Placido Pinto Teixeira da Costa, requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar de Paços, freguesia de Serzedelo, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul e nascente com terrenos do requerente e poente com D. Esmeria de Araujo Machado.

Antonio Moreira Gomes, requereu licença para instalar uma fabrica de tecelagem manual, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar do Carvalho, freguesia de Gandarela, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com caminho para Gandarela, sul, nascente e poente com o requerente.

Adelino Ribeiro Abreu, requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar da Deveza, freguesia S. Martinho de Candoso, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e nascente com caminho de servidão, sul e poente com o requerente.

J. Ladeira Guimarães & Comp.ª requereu licença para instalar uma fabrica de fição e tecidos, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, fumos, poeira e trabalho insalubre, na rua Trindade Coelho, freguesia de Santo Estevão de Urgezes, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com terrenos de Joaquim Luciano Guimarães e casa de D. Maria Vieira Pinto, sul com terreno de D. Maria Amelia Leite de Magalhães Couto, nascente com rua Trindade Coelho e poente com terreno e fabrica de Joaquim Luciano Guimarães.

Agostinho da Silva Areias requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos de algodão manual, incluída na 3.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar do Calvario, freguesia de Serzedelo, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com terrenos da Junta de freguesia ou do Passal.

Ribeiro & Irmão requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incendio e fumos, no lugar da Ponte de Serves, freguesia de Gondar, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e sul com terrenos do requerente, sul e nascente com caminho publico,

Nos termos do Regulamento das industrias insalubres, incomodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscrição com sede no Porto, rua Sá da Bandeira, 142-2.ª

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 20 de Abril de 1931.

O Engenheiro Chefe,

Manuel Jacinto Eloi Moniz Junior

E' o quanto se contem no referido edital. Guimarães, secção administrativa da Camara, em 27 de Abril de 1931.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o subscrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto.

renos do requerente, nascente caminho particular e poente com Estrada Municipal.

Domingos Alves Machado & Comp.ª requereu licença para instalar uma officina de reparação de automoveis, soldadura autogénia, fuodição de ferro e metal, e pintura a Duco, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, fumo, perigo de explosão e de incendio e fumos metalicos, na rua de Vila Flor, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e frente com rua Vila Flor e terras dos proprios, nascente e sul com um regato.

Augusto Luciano Guimarães, requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos (manual) incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio na rua Trindade Coelho, freguesia de Urgezes, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com prédios urbanos de Joaquim Luciano Guimarães, sul com fabrica a Vapor de Tecidos da Caldeira, nascente com terrenos de Joaquim Luciano Guimarães e poente com terrenos da viuva de Manuel Castro Sampaio.

Vital Marques Rodrigues requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos de algodão, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar da Nora, freguesia de Mascotelos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, nascente e poente com terrenos de Etelvina de Jesus Machado e sul com Estrada de Santo Amaro.

Joaquim da Silva Marques Rodrigues requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos (manual) incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incendio, no lugar da Ponte do Souto, freguesia de S. Martinho de Candoso, concelho de Guimarães, ditrito de Braga, confrontando ao norte e poente com terrenos do requerente, sul e nascente com caminho publico,

DROGARIA MODERNA

DE
Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

CASA HIGH-LIFE

Toural-Guimarães

TELEFONE 49

E' HOJE A CASA, NO SEU GÉNERO, MAIS BEM SORTIDA E QUE, EM PREÇOS, OFERECE MAIS VANTAGENS

Modas, tecidos de seda, lã e algodão; tecidos para camisas do homem e senhora; bretanhas, panos bordados e de renda, colchas de seda, echarpes, véus, sovilhanas, chales de seda bordados, sombrinhas, bengalas, malhas para homem, senhora e criança, meias, plugas, camisaria, colarinhos, gravatas, artigos de bordar, cintas elásticas e elásticos para cintas e ligas, perfumaria, sabonetes, artigos para luto, miudezas, etc., etc. Esta casa já recebeu parte do seu sortido para a próxima Estação do Verão e breve espera completar o seu grande e inegualável stock de fazendas adquiridas nas principais casas da especialidade.

SEMPRE NOVIDADES

Deposito da Cal da Figueira

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

Casa das Gravatas

Dias & Carvalho, L. da

43-RUA DA REPUBLICA-47
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

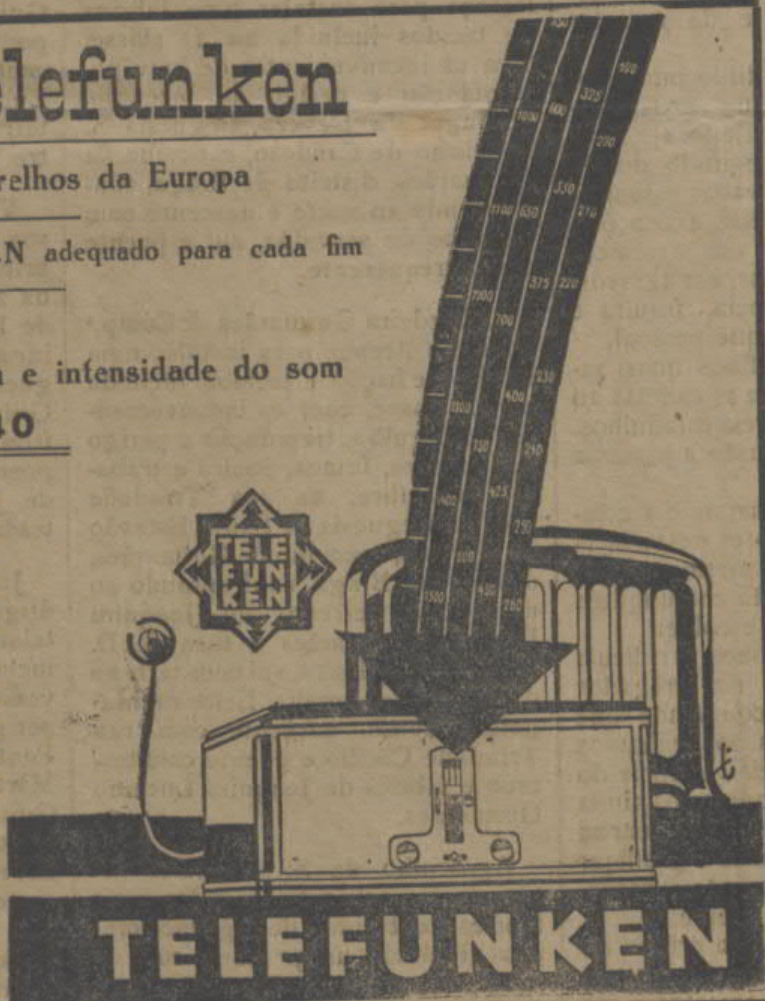
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente desseminalado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 - Rua 31 de Janeiro - 30

GUIMARÃES

PAPELARIA, PERFUMARIA E TABACOS

Gramofones e discos

Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de escrever

PAPELARIA CENTRAL

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 149

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

DROGARIA TOURAL

DE João Garcia de Almeida Guimarães

P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Tintas, Vernizes e Vidros

TELEFONE 68

FABRICA DE GUARDA-SOES E CHAPEUS

Faria & Fernandes, Limitada

51 - Largo Pelor do Crato - 54
(GUIMARÃES)

49 - Praça D. Afonso Henriques - 50
(FILIAL)

Telefone n.º 9

Agentes oficiais dos pneus

Firestone

Representantes do capacho

Ideal

"O POVO DE GUIMARÃES" Rua 5 d'Outubro N.º 33
SEMANARIO REPUBLICANO GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	28\$00 "	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20\$00 "	Comunicados, linha	\$60 "
Estrangeiro	40\$00 "	Imposto do selo	\$15 "
Número avulso	\$50 cent.	Linômetro tipo corpo 8.	

Ex.ª Sr.

Sociedade Martins Sarmento
Rua Paio Fobos
Guimarães